



Contador com tampa de abater em cedro, decorado com embutidos de madeiras diversas, do séc. XVI (Fot. Cabral Moncada Leilões).

Um pouco conhecido mobiliário açoriano dos séculos XVI e XVII

O mobiliário açoriano de seiscentos e setecentos atingiu um momento de singular distinção e desenvolvimento, como o testemunha um alargado número de peças ainda hoje existentes. São arcas, contadores, escritórios, armários, mesas e pequenos móveis de estrado, alguns com decoração incisa e outros com embutidos, fabricados em “cedro-do-mato”, nome comum que nas ilhas designa uma espécie botânica endémica, a *Juniperus brevifolia*, árvore da família das Cupressáceas que produz uma madeira avermelhada, rija e de forte odor típico. Foi aliás essa última característica, a par da beleza natural da madeira, que fez do “cedro-do-mato” uma apreciada essência para a construção de mobiliário, pois qual repelente natural assegurava a proteção dos documentos, vestuário e outra roupa nele guardados contra o ataque de insetos.

As primeiras notícias que dispomos sobre os móveis são vinculadas por Gaspar Frutuoso (1522-1591), nas *Saudades da Terra*, repositório único de informações sobre os Açores desde o seu achamento até ao último quartel do séc. XVI, ou por via de fontes notariais da época (inventários orfanológicos e testamentos) que se guardam nos Arquivos Regionais de Angra do Heroísmo, Horta e Ponta Delgada. Também estrangeiros, como o italiano Pompeo Arditti (m.1571) ou o holandês Jan Van Linschoten (1563-1611), que visitaram os Açores durante o séc. XVI, deixaram nos seus escritos menções ao mobiliário ilhéu.

Diz Frutuoso, no livro VI das *Saudades da Terra*, e no capítulo sobre a ilha Terceira, que “da madeira do cedro, que há nela, se fazem muitos caixões, caixas e ricos escritórios, e mesas e cadeiras de estado de muito preço, que vão pera toda Espanha e outras muitas partes de além mar, pelo que há na cidade de Angra grande número de oficiais mui primos de carpintaria e saralharia”. Igual descrição poderia aplicar-se às restantes ilhas, pois o cedro abundava em todas - com exceção da Graciosa - e também nelas assistiam carpinteiros de tal obra. Na ilha Terceira, mais concretamente em Angra, o seu número era grande, Frutuoso fala de setenta e duas oficinas “de caixaria e escritórios”, atestando a pujança económica do burgo, então sede do governo das ilhas e celebrada escala da navegação marítima.

Em Angra estava sediada a Provedoria das Armadas e ali estagiavam as naus da carreira das Índias portuguesas na sua viagem de “oriente para ponente” em direção a Lisboa, acompanhadas durante a dinastia filipina pelos galeões das Índias Ocidentais castelhanas de regresso a Sevilha. Alguns dos bens que nelas circulavam ficavam na ilha, legalmente ou clandestinamente, sendo comercializados por negociantes locais e estrangeiros para lugares como a Flandres, França, ou Inglaterra. As tais “setenta e duas” oficinas de carpintaria fina angrenses terão trabalhado principalmente para esses mercados, pois as parcas 17.500 almas que então viviam na ilha Terceira não escoariam so-

zinhas a sua produção. Apercebendo-se do negócio que seria o mobiliário em cedro nativo, então abundante, pelas propriedades odoríficas inatas da sua madeira que mantinham à distância os insetos predadores de tecidos e documentos, terão aproveitado os fluxos comerciais existentes para exportar para aqueles mercados os móveis construídos, principal razão porque hoje eles também são mais abundantes fora dos Açores e raros nas ilhas.

Durante largos anos dito como de origem indo-português, sendo a sua madeira confundida com sândalo, o mobiliário açoriano em “cedro-do-mato” viria a sua paternidade afirmada por testemunhos de investigadores, antiquários e colecionadores com Eduardo Rangel, José Jordão Felgueiras, Francisco Ernesto de Oliveira Martins e Pedro Dias, entre outros. Hoje, arcas, contadores e outros móveis açorianos dos séc. XVI e XVII ocupam lugares de destaque em coleções públicas e privadas, devidamente identificados e honrando os artífices ilhéus de outrora. ♦

PEDRO PASCOAL F. DE MELO
INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA
pedro_pascoal@hotmail.com

PROMOTOR



Governo dos Açores

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA
Direção Regional da Cultura



Arca (Fot. Cabral Moncada Leilões).

Arcas

Entre o mobiliário em cedro destacam-se as arcas de decoração incisa (com o desenho aberto em sulco e preenchido com cera escurecida), ornamentadas com dragões, leões e pássaros, a par de motivos vegetalistas, saídos do imaginário renascentista e possivelmente copiados de gravuras. Alguns exemplares exibem decoração heráldica inglesa, o que se explica pelos mercadores daquela nação que então por cá negociavam e que as terão encomendado. Móvel por excelência de transporte e guarda, não havia casa da época que não possuísse um ou mais exemplares; as suas dimensões médias variavam entre os 6 e os 8 palmos, embora as houvesse maiores e menores, e dispunham na maior parte dos casos de pés e fechadura. ♦



Mesa-escritório (col. Museu Nac. de Arte Antiga).

Escabelos

Apesar de Bluteau, no seu dicionário, os definir como “*assento pequeno de madeira sem braços, nem espaldares*”, as referências encontradas nos inventários açorianos dos séc. XVI e XVII permitem-nos também identificá-los com alguns pequenos móveis que hoje dizemos de mesas-escritório (de estrado, por serem utilizadas em cima destes últimos). Assim temos escabelos “*com seu armário*”, “*com sua mesa por cima e engonços que serve de mesa*”, alguns deles com jogos de xadrez no tampo. Serviriam não só para sentar, como para escrever, entreter e guardar pequenos objetos. Na sua feitura predominava o cedro, e mediam entre 4 e 11 palmos, podendo ter fechadura. ♦